

O CHORO DE SANTA LUZIA: UMA ANÁLISE DAS MATERIALIDADES E FORMAS DE INTERAÇÃO EM UM EVENTO MILAGROSO EM BATURITÉ/CE

Isaac Silva Magalhães¹
Rafael Antunes Almeida²

Resumo: O artigo analisa, a partir de uma perspectiva etnográfica, o episódio *o choro de Santa Luzia*, ocorrido durante o festejo de 2023 em Baturité/CE. O evento, registrado por uma fiel e amplamente disseminado nas redes sociais, mobilizou disputas interpretativas que envolveram devotos, membros do clero, veículos de imprensa e diversos agentes humanos e não humanos. A partir dos pensamentos de Birgit Meyer, Renata Menezes, Bruno Latour e Oscar Calavia Sáez, discute-se como materialidades participam ativamente da experiência religiosa, atravessando fronteiras entre o visível e o invisível, o ordinário e o extraordinário. Argumenta-se que milagres, aparições e manifestações percebidas pelos fiéis não constituem meras crenças subjetivas, mas compõem uma rede relacional que envolve coisas e pessoas e que reorganiza a vida devocional local. Assim, sustenta-se que o fenômeno do choro de Santa Luzia revela a centralidade das coisas na constituição da religião, demonstrando como a experiência do sagrado se realiza materialmente.

Palavras-chave: Santa Luzia; Milagre; Coisas; Extraordinário; Controvérsias.

Introdução

Os santos católicos, bem como suas representações iconográficas, despontam como importantes figuras do catolicismo. Presentes em procissões, novenas, festas e outras manifestações sagradas públicas e privadas de devoção, constituem formas plurais de interação e devoção no seio religioso, engajando fiéis que comungam deste local. Partindo desses universos, as análises em torno das imagens, interações e conceituações de santos ligados ao catolicismo encontram uma ampla gama de discussões no campo antropológico. Essas representações iconográficas estariam ligadas a uma ideia de corpo que, mesmo partindo de uma perspectiva humana, apresentam propriedades associadas ao divino. Sob a ótica de interação devocional, a imagem de um santo é vista pelo fiel como um corpo sagrado (Lima, 2015).

Logo, fluídos, como suor, lágrimas e sangue, com recorrência são vistos saindo de imagens católicas, configurando um fenômeno extraordinário amplamente conhecido por fiéis e pesquisadores da área. Esses acontecimentos colocam em evidência essa dupla dimensão da imagem (corpo humano e corpo sagrado). Segundo Geary (2021, p. 204), “no ocidente, o meio preferido pelo qual Deus se servia dos santos para agir era os seus corpos”.

¹Mestrando no Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia (UFC/UNILAB). Graduando em Bacharelado em Antropologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: isaacmagalhaes2005@gmail.com.

²Professor Adjunto do curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: almeida.rafaelantunes@unilab.edu.br.

Essas ocorrências extraordinárias, amplamente noticiadas em várias partes do mundo, me levaram a questionar se ainda existem discussões a serem feitas ao nos depararmos com situações corriqueiras do universo católico. Diante de um assunto já bastante visitado, eu me perguntei se ainda haveria discussões a acrescentar. Também me questionei se estes acontecimentos deveriam ser simplesmente relegados às páginas do diário de campo — e assim renderiam, na melhor das hipóteses, uma boa conversa entre pares antropológicos. Eu, então, me ocuparia de outros aspectos das práticas devocionais. Como lembra Mariza Peirano (2014), o trabalho antropológico não depende mais de grandes travessias rumo às ilhas isoladas para serem lidas sob as lentes do exótico, pelo contrário, está ligado, em grande parte atualmente, do estranhamento daquilo que é vivido, do que está próximo, embora não seja novo.

Nesse sentido, sou convencido que os questionamentos que me fiz não são tão simples de responder e, assim, merecem uma discussão à luz dos eventos. Para isso, resolvi tecer a discussão que segue neste artigo, ao olhar para um fato que não é inédito, mas que despertou profunda euforia em mim e nos fiéis da Paróquia de Nossa Senhora da Palma, localizada na cidade de Baturité, interior do estado do Ceará. Em meio a agitação, no final da décima primeira noite do tradicional festejo em comemoração a Santa Luzia, co-padroeira do município, logo após a missa, uma fiel, ao cumprimentar a imagem da santa, viu e testemunhou o choro que jorrava de seus olhos.

O caso, que envolveu atores como fiéis, santa, coisas, clero, funcionários da paróquia, imprensa local e artistas responsáveis pela restauração da imagem, suscita bons questionamentos, como também nos leva a refletir sobre o lugar que esses acontecimentos, ligados a uma ordem extraordinária, ocupam no seio dos debates acerca do catolicismo, sobretudo aquele praticado nos interiores. Além disso, o caso aqui analisado levou-me, enquanto jovem pesquisador, recém-inserido no campo dos estudos sobre festa e devoção, a pensar em como os eventos em estudo marcam a vida religiosa e mobilizam afetos, corpos e narrativas.

Para além de um fato isolado ou efêmero, o choro põe em evidência a centralidade do milagre, importante elemento de ligação e culto entre os fiéis e os santos católicos, como expõe Menezes (2004), ao analisar, dentre outros aspectos, as interações de fiéis com Santo Antônio, na Igreja da Penha, localizada no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo que reafirma o poder de ação dos santos e das suas representações iconográficas no catolicismo, acentuando sua participação ativa na experiência do sagrado, contribui no despertar do olhar para a relação entre as outras materialidades que emergem nesse processo.

Tomando o choro de Santa Luzia, busco apresentar que os milagres, aparições e manifestações divinas não são eventos simples. Pelo contrário, além de auxiliarem na divulgação e potência de um santo, podem ser um momento privilegiado, uma vez que apontam como as coisas fazem parte do universo devocional, envolvendo para além de um santo e um fiel. Sob essa ótica, como expõe Meyer (2019a) a valorização das coisas, dentro do estudo sobre as materialidades, não acrescentam algo à religião, mas sim evidenciam que estas são dela indissociáveis.

Surgem, assim, mais indagações: O que seriam essas “coisas”? Por que não falar em objetos? O termo é tomado dos estudos sobre materialidades propostos por Birgit Meyer (2019a). Seja *thing* (inglês), *cosa* (espanhol), *chose* (francês) ou *res* (latim, de onde, inclusive, deriva a palavra “real”), “coisa” denota algo que não se pode conceber totalmente, sendo esse o sentido pretendido na discussão que segue.

Para Meyer (2019a), escolher *coisa* é optar por uma indeterminação, por algo que não pode ser nitidamente delimitado e que, justamente por isso, provoca certo grau de nervosismo e ansiedade. A autora acrescenta que o termo constitui uma maneira de superar a noção de *objeto*, tradicionalmente empregada para designar uma relação entre sujeito e objeto em que o primeiro detém o poder. *Coisa*, portanto, “sugere uma dimensão extra que expande o reino da racionalidade e da utilidade” (Meyer, 2019, p. 111).

Com isso, este estudo pretende discutir, com base no choro de Santa Luzia, como essas materialidades são importantes chave-analíticas para acessar formas de devoção e interação com os santos. O fenômeno analisado ocorreu durante o tradicional festejo em homenagem à santa, co-padroeira da cidade de Baturité, no ano de 2023. Cabe pontuar que não busco responder o que tantos questionaram: a santa chorou ou não? Esse não é o ponto. Tampouco considero ser meu papel agir como detetive ou assumir uma postura que anseie definir o ordenamento do social. Meu interesse não é estabilizar a realidade, mas rastrear as controvérsias, sem decidir como resolvê-las, caminho proposto por Latour (2012), que considero o ideal a ser seguido. Assim, o central aqui – me permitam reafirmar as intenções dessa empreitada – é apontar a capacidade de mobilização (e por que não de agência?) que tanto Santa Luzia quanto as materialidades a sua volta, possuem nos atos de interação devocional.

Partindo do que foi exposto, a reflexão seguirá da seguinte forma: inicialmente, optei por descrever, em uma breve elucidação, onde o culto à Santa Luzia está situado, os monumentos que compõe a espacialidade do local, atentando para como estes configuram uma significativa característica da presença católica; em seguida, discutiremos a aparição

mariana ocorrida em Baturité; depois dessa explanação, partiremos para o caso em diálogo, o choro de Santa Luzia, buscando atentar para a relação das múltiplas materialidades envolvidas nesses fenômenos milagrosos. Logo após, o debate se dá sobre o terror que as imagens podem causar quando estas ultrapassam o limite permitido.³

“Monte-mor, Baturité, tua fé se fez história”⁴

Baturité, cidade localizada a cerca de 80 km da capital do estado do Ceará, é um espaço marcado por uma longa tradição católica desde seu período remoto de formação. Fato fortemente valorizado e divulgado, seja pelos meios de comunicação da administração local, seja expresso nas construções centenárias, como igrejas, capelas, templos mosteiros etc., que marcam presença ao longo das ruas que compõem a cidade.

Quem chega no centro de Baturité de longe avista o Mosteiro dos Jesuítas, posicionado no alto do sopé da serra, cujas portas azuis se destacam na paisagem. Próximo ao mesmo sopé, é possível avistar o Mirante do Cruzeiro (cruz em estrutura metálica de 25 metros) ou ainda subir as escadarias de Nossa Senhora de Fátima, com seus 360 degraus que anunciam o martírio de Cristo, sua caminhada ao calvário. No final da subida, os visitantes podem descansar e apreciar a imagem de Nossa Senhora de Fátima, olhando do alto e intercedendo pelo povo da região. Com imagens pouco menores, encontramos os três pastorinhos, que atentos contemplam a virgem Maria, compondo, assim, o cenário da aparição em Fátima, Portugal.

Seguindo a argumentação de Giumbelli, olhar para esses monumentos implica refletir tanto sobre suas formas de representação quanto às relações que estabelecem com a memória coletiva. Como aponta o antropólogo, as imagens, na reflexão que propôs, cumprem um papel primordial, uma vez que esses monumentos “são objetos que inspiram e engendram representações tanto materiais quanto simbólicas” (Giumbelli, 2020, p. 213).

Dessa forma, “serras por excelência”⁵ encontram na fé católica e suas manifestações uma marca incontestável da devoção do município: a materialidade. Logo, discutir sobre imagens, santos e aparições não é se desprender da realidade ou tratar de assuntos apartados

³Esse limite é entendido aqui como as formas designadas, principalmente pelo clero, que instituem uma doutrina sobre como as coisas devem se comportar, bem como sobre as sensações e relações que elas podem engendrar.

⁴ O trecho faz parte do hino municipal da cidade de Baturité. Disponível em:

<https://www.baturite.ce.gov.br/simbolos.php#:~:text=HINO%20DE%20BATURIT%C3%89,-Hino%20de%20Baturit%C3%A9&text=Habitavam%20tranq%C3%BCilos%20e%20unidos%2C,do%20rio%20a%20seus%20p%C3%A9s!&text=A%20saude%20sem%20fim%20de%20al%C3%A9m%2Dmar!&text=Que%20n%C3%A3o%20h%C3%A1%20liberdade%20sem%20dor.> Acesso em: 04 nov. 2025.

⁵ Segundo os veículos de comunicação ligados ao município e relatos orais, o topônimo Baturité apresenta variações quanto à sua etimologia. Dentre essas, a mais difundida é a que atribui ao nome o significado de “serra por excelência.”. Ver: <https://www.cpsmbaturite.ce.gov.br/entes/3>.

do meio social, mas sim lastrear algo íntimo e, ao mesmo tempo, constitutivo da sociabilidade do município, cujas raízes se amparam nesses acontecimentos e revelam muitos mais do que simples monumentos. A devoção está em voga no cotidiano, seja nos supracitados templos ou nas formas de interação que a cada dia ganham novas roupagens.

As festas religiosas, dedicadas aos santos de devoção, são um local frutífero para observação dessas interações, uma vez que auxiliam na percepção dessa sociabilidade coletiva entre os indivíduos, as coisas e o sagrado que marcam celebrações na cidade e povoam o calendário local ao longo do ano. As principais são a da padroeira Nossa Senhora da Palma e da co-padroeira, Santa Luzia, ambas vinculadas à paróquia que leva o nome da primeira. Além do mais, existem celebrações de caráter religioso-festivo, vinculadas à outra paróquia, a do Cristo Rei, como a festa do padroeiro e a de Santo Antônio.

Ou seja, a cidade, apesar de não ter uma população expressiva em números, se “divide” entre duas paróquias. Contudo, creio que por serem cultos mais antigos, as festas de Nossa Senhora da Palma e Santa Luzia reúnem um contingente maior de fiéis. Isso se expressa pelo tempo, tendo em vista que a igreja de Nossa Senhora da Palma tem mais de duzentos e sessenta (260) anos e a de Santa Luzia possui mais de cento e cinquenta (150) anos.

Imagem 1 - Noite do Festejo de Santa Luzia (Baturité-CE)



Fonte: Arquivo do Autor

Entre monumentos, templos, santos, santas, coisas e festas católicas, Baturité foi constituída. Esses elementos expressam uma história que se mantém viva no cotidiano, de modo que, mesmo quem circula rapidamente pela cidade, é capaz de perceber essa presença. As expressões da comunidade católica existentes ultrapassam as barreiras do simbólico e

constroem realidades, nas quais histórias de fé e devoção demarcam a sociabilidade local, seja alterando rotas, ou ainda introduzindo contingentes.

Diante do exposto, o choro de Santa Luzia não é um evento isolado, apartado da realidade local. Longe disso, está imerso em um contexto no qual as coisas funcionam para além de meras representações, ou seja, instanciam realidades e expressam como a vida religiosa acontece materialmente (Meyer, 2019a). As coisas nesse cenário têm uma capacidade sedutora, como em muitas cidades localizadas no interior do Ceará, como Canindé, Juazeiro, Crato, Quixadá, Barbalha e outras, onde os santos mobilizam forte devoção. Isso faz com que manifestações, aparições e milagres, não sejam tomadas como simples alucinações, mas como marcas de uma relação devocional atravessada por um fluxo intenso de agentes. Com o intuito de melhor elucidar esse panorama religioso, faz-se necessário olhar, ainda que brevemente, para além dos santuários e festas, mergulhando em um outro evento marcante que se passou nesta mesma cidade décadas antes: a aparição mariana em Baturité.

A aparição mariana no Brejo

Como apontado, os santos e templos católicos são constituintes da paisagem de Baturité. Essa expressão religiosa não é exclusiva do município, tendo em mente que muitas cidades compartilham dessa configuração arquitetônica. Todavia, a “Terra do Café”, como também é conhecida, resguarda algo peculiar, que talvez até mesmo muitos moradores desconhecem: trata-se de uma aparição mariana ocorrida em meados da década de 1990, em uma das serras do município, na localidade do Brejo.

Distante nove quilômetros (9 km) da sede, o local caracteriza-se como um importante polo turístico devido às suas belezas naturais, integrando atualmente a Rota Verde do Café de Sombra⁶. No entanto, em novembro de 1994, a movimentação em sua direção não se deu em razão às cachoeiras ou guiada pelo turismo do café de sombra, mas sim pelos relatos de aparição de Nossa Senhora do Rosário, tendo a figura de José Ernani dos Santos como disparadora.

Segundo Silva (2021), a primeira aparição da virgem ocorreu na capital do Estado, Fortaleza, ainda em 1993. Logo depois, o devoto teria se dirigido a Baturité a pedido da Santa, onde passou a ter novas visões. As aparições ocorriam sempre no primeiro sábado

⁶ Ver mais em:

<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ce/sebraeaz/rota-verde-do-cafe,75f678e27c28c510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 13 nov. 2025.

de cada mês e, de acordo com a autora, totalizaram dezenove manifestações. O descrito, segundo fontes jornalísticas⁷, atraiu mais de doze mil visitantes de diversas partes do Brasil ao local, onde fenômenos passaram a ser atestados pelos fiéis que o visitavam, ainda que somente José Ernani afirmasse ter visto Nossa Senhora.

Imagem 2 - Fieis na aparição de Nossa Senhora



Fonte: Grupo Baturité Antigo em Cores⁸

O acontecimento despertou uma série de controvérsias entre pesquisadores ligados ao CPU (Centro de Pesquisas Ufológicas), os fiéis e o clero. Isso porque o fenômeno mobilizou os devotos de forma expressiva, porém não chegou a convencer setores mais amplos da Igreja Romana. Ao mesmo tempo, ufólogos afirmavam que a visão dos fiéis era um evento de origem ufológica (Silva, 2021).

Essa disputa em torno dos fatos observados pode ser compreendida a partir da ideia de “operação de redução”, cunhada por Almeida (2015). Segundo o autor, tal movimento atua sobre o “gradiente da incerteza se a coisa ou o ente visto, faz parte de alguma paisagem terrestre, ou se habita os confins onde vagam os mortos, os desencarnados, toda sorte de ídolos e seres com contornos ainda vagos” (Almeida, 2015, p. 232). Para além desses embates narrativos e da veracidade dos episódios, gostaria de chamar a atenção para a mobilização que eventos dessa natureza engendram, onde quer que ocorram. Mesmo que a aparição como apontado se desse, em certa medida, de forma exclusiva para o senhor Ernani,

⁷Matéria da folha que noticia a aparição mariana em Baturité. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/07/cotidiano/35.html#:~:text=Lorscheider%20esteve%20em%20retiro%20espiritual,santa%20durante%20as%20%22apari%C3%A7%C3%B5es%22>. Acesso em: 07 de out. de 2025

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=289415136071169&set=a.114458396900178>. Acesso em: 03 nov. 2025.

a comunidade católica compartilhou um sentimento coletivo, movimentando um estado de devoção que transcende as barreiras do visível, encarada como um milagre.

Nesses termos, cabe apontar que os milagres possuem uma capacidade de agenciamento que extrapola a individualidade, configurando uma experiência de caráter compartilhado. Trata-se de uma dinâmica que não se dá exclusivamente entre o fiel e a santidade, mas é atravessada por coisas que participam ativamente desse momento. Os milagres, por sua vez, segundo Menezes (2004), constituem uma peça fundamental na tradição de um santo, sendo a partir disso que a reputação da santidade vem a se construir. Nessa perspectiva, ele passa a ser uma chave analítica importante para dimensionar as relações construídas em torno da devoção. Inspirado pelos escritos de Menezes (2004) e Meyer (2019a), compreendo o milagre como uma experiência sensorial central na formação da santidade, possibilitando perceber o entrelaçamento entre humanos, coisas e santos.

Ainda acerca da aparição mariana, Isabella Medeiros (2025, p. 60, *grifo nosso*) aponta que:

[...] **em oposição às devoções a outros santos** ou figuras divinizadas dentro do catolicismo, **as aparições (marianas) são eventos extremamente significativos, recorrentes e estruturantes dos cultos**, especialmente no que tange uma relação entre os fiéis, as Nossas Senhoras das quais são devotos e todo o contexto sócio-histórico que molda as composições locais feitas dessas figuras de Maria.

Concordo com a autora que as aparições de Nossa Senhora são historicamente recorrentes em inúmeras partes do mundo: Fátima (Portugal); Lourdes (França); Cidade do México (México) e outras cidades. Contudo, a análise aqui empreendida se distancia, em alguns aspectos, principalmente quando ela afirma que a aparição não é algo recorrente na tradição ligada à devoção dos santos católicos. Embora não seja recorrente encontrar relatos em que santos católicos pairam sobre colinas ou flutuam sobre árvores, penso que essas características não limitam a compreensão desse evento. Isso porque, recorrendo à etimologia da palavra aparição, esta também pode ser entendida como um processo de “manifestar-se” e a noção de manifestação abrange, em grande medida, a relação devocional dos fiéis com os santos. Logo, a manifestação se daria, principalmente, por meio de processos de interação, em um engajamento relacional que, em muitos casos, ocorre através das representações iconográficas dos santos.

Diante do exposto, a materialidade dos santos, tratada neste estudo como sua representação iconográfica, estrutura um ponto elementar em suas aparições, ou seja, na manifestação da sua presença junto aos fiéis. Pois, como aponta Sáez (2009), às imagens sagradas são mais ativas do que normalmente se pensa. Suas materialidades não passam

despercebidas pelos fiéis e é exatamente a partir delas, em um processo interacional complexo, que estes elaboram novos relatos acerca de uma santidade.

É justamente nessa esteira que caminho: o intuito de abordar as problemáticas envolvidas no processo de interação (Fiel, Santa Luzia, milagre), se atentando para as dimensões acerca dessas ocorrências, aqui entendida também como um processo de aparição. Além disso, analiso quais agentes passam a integrar esse processo relacional e as narrativas que tais fatos despertam a partir do evento.

O choro de Santa Luzia: Interação entre o fiel e as coisas

O choro de Santa Luzia, que move nossa discussão, ocorreu em dezembro de 2023, durante o trabalho de campo que realizei na festa em sua homenagem, tradicionalmente celebrada entre o dia primeiro até treze de dezembro. O festejo forma caravanas de municípios vizinhos (Aracoiaba, Capistrano, Guaramiranga e Pacoti) e também de outras regiões (Eusébio, Pacatuba e Fortaleza). Os motivos dessas peregrinações se dão, primordialmente, pelo seu caráter tradicional, o que faz com que muitos romeiros se desloquem para cumprir promessas. Estas por sua vez remetem a outro aspecto da forte devoção à Santa: a sua especialidade que é a visão.

Santa Luzia, figura reconhecida do catolicismo, tem origem ainda no começo da cristianismo, por volta do século III d.C, período marcado pelas perseguições do Império Romano àqueles que professavam a fé cristã. A jovem, moradora da cidade de Siracusa, na Itália, conforme reza a tradição, tocada pelos ensinamentos de Cristo, decidiu se opor ao regime imperial. Por esse motivo, foi torturada, tendo seus olhos arrancados e, em seguida, milagrosamente restituídos por Deus (Gasques, 2018). Considerada uma das primeiras mártires do cristianismo primitivo, Luzia é proclamada santa e torna-se um exemplo de fidelidade a Cristo. Devido ao episódio da tortura e à forma de seu martírio, passa também a ser considerada intercessora da visão.

Imagem 3 – Fotografia da representação de Santa Luzia que recebe a maior parte dos cumprimentos durante o festejo.



Fonte: Arquivo do Autor.

No caso de Baturité, o templo dedicado à santa, onde acontecem as celebrações, foi inaugurado, segundo o pároco Pe. Benício, em 7 de setembro de 1879, para abrigar flagelados da Grande Seca, além de servir como forma de agradecimento por uma série de curas, atribuídas à Santa Luzia, de doenças nos olhos. O ano está grafado na entrada da igreja, na parte superior da porta central, em algarismos romanos (MDCCCLXXIX), com o intuito de destacar a época e o contexto nos quais se insere a construção da edificação. Para além disso, a data serve como um importante monumento que sinaliza os milagres e o cenário histórico da devoção, exaltando a força e relevância de Santa Luzia para os baturitenses.

Mais uma vez, nos parece que tais templos, marcas e histórias remontam a uma ideia decorrente da antiguidade cristã, segundo a qual os mártires, em razão de sua paixão e morte, eram vistos como detentores de uma relação especial com Cristo. Por isso, como analisa Geary (2021), ao tratar da circulação das relíquias sagradas ligadas a essas figuras na Idade Média, as celebrações dedicadas aos santos iam além de uma mera recordação, constituíam também momentos de súplica a esses mortos especiais, para que continuassem a interceder junto a Deus em favor daqueles que permaneciam no plano terreno. Esse vínculo de devoção e circulação de relíquias sagradas, analisada na obra de Geary, aponta alguns desdobramentos significativos para a discussão aqui empreendida.

Geary (2021) expõe que as relíquias dos santos, como fragmentos, vestes, objetos associados a eles em vida, areia ou óleos coletados em suas sepulturas e partes de seus corpos, não possuíam valor aparente fora de uma relação devocional compartilhada por uma rede de indivíduos. Além disso, determinar quem eram essas figuras especiais, consideradas amigas

de Deus, permaneceu sendo uma avaliação espontânea, baseada na eficácia dos milagres atribuídos a cada santo e na força de seu culto, até por volta do século XII. Se uma pessoa realizasse milagres capazes de mobilizar um séquito de devotos, era considerada santa, mesmo sem o reconhecimento oficial da Igreja. O contrário também se aplicava a essa lógica devocional, onde um indivíduo sem seguidores, independentemente de sua santidade, não seria considerado um companheiro de Deus. As relíquias, nesse processo, eram consideradas os próprios santos que continuavam a viver entre os homens, como também fonte de seus poderes sobrenaturais para o bem ou para o mal.

Mesmo não havendo uma relíquia de Santa Luzia é possível perceber que as celebrações dedicadas aos santos de devoção atuam há bastante tempo como espaços privilegiados de memória e súplica e podem ser vistas como lugares que permitem observar as nuances do elo devocional. Além disso, Geary (2021) ajuda a compreender que, há tempos, os santos despertam uma série de controvérsias no universo católico: os milagres, os elementos envolvidos no eixo de devoção entre eles e seus séquitos e, até mesmo, os embates entre os fiéis, o clero e as próprias santidades.

É notório que as *coisas*⁹ ligadas aos Santos, ou ativados em processos relacionais, são indispensáveis para a análise dos cultos que eles mobilizam. Em decorrência disso, aspectos históricos, como a construção da igreja, o longo período de existência do templo, as imagens existentes na igreja, a conexão com santa e sua especialidade, a visão, algo tão precioso e caro para os fiéis, como apontado, mobilizam pessoas a estarem na celebração, tornando a festa de Santa Luzia um evento singular na região. No entanto, certa noite, um acontecimento para além dos apontados intensificou a euforia em torno da devoção.

A visita ou o cumprimento das imagens de santos ao final das celebrações católicas é algo corriqueiro nas análises do catolicismo (Menezes, 2004; Lima, 2014). Na igreja de Santa Luzia, durante as celebrações, esse ato não se faz diferente: ao final das missas, ao longo das treze noites, multidões de fiéis se espremem aos pés da imagem, localizada na lateral esquerda da nave central, logo na entrada do templo. Ao se aproximarem, pessoas tocam suas vestes, seus pés, mas principalmente a bandeja com seus olhos – que representam seu martírio. Outros aproveitam o momento para registrar em fotografias, utilizando, na grande maioria das vezes, seus aparelhos celulares. À medida que esses

⁹ Novamente, as coisas aqui discutidas são os inúmeros materialidades, como imagens, fitas, flores, entre outros artefatos, que participam das dinâmicas devocionais junto aos santos.

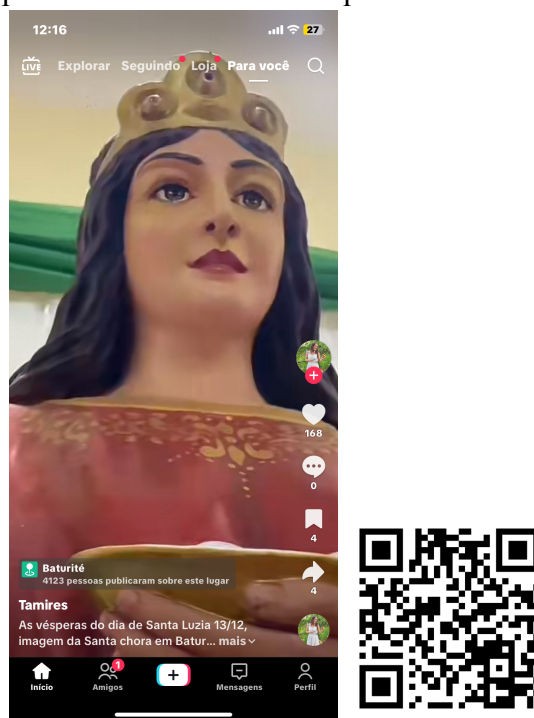
cumprimentos, gestos e interações vão acontecendo, o local vai se esvaziando, até que todos que aguardam o seu momento consigam realizar o ato.

É interessante notar que tais ações quase se incorporam à liturgia da festa dedicada à Virgem de Siracusa, sendo comuns em outras festas devocionais. As pessoas somente começam a deixar o local, dirigindo-se às barracas de comidas e aos comércios instalados no entorno, após cumprirem esse momento de aproximação com a imagem, o que o torna um elemento cotidiano do festejo.

Contudo, na noite da décima primeira missa daquele ano, algo diferente ocorreu, uma fiel, que não consegui identificar durante a pesquisa, dirigiu-se até a imagem, como normalmente se faz. No ato da interação, ao registrar o momento em vídeo, ela direcionou o aparelho celular ao rosto da santa com o flash ligado. Ainda gravando, testemunha a existência de uma lágrima nos olhos do rosto da intercessora da visão. Naquele momento, com alegria, a fiel afirma que a Santa estaria chorando.

Essa descrição, aqui apresentada, surgiu a partir das conversas que tive com outros fiéis e com funcionários da igreja, ainda durante o festejo, nos dias que sucederam o acontecimento. O vídeo gravado pela fiel ainda está disponível em algumas redes sociais, como pode ser observado na imagem a seguir:

Imagem 4 - Captura de tela do vídeo em que Santa Luzia estaria chorando.



Fonte: @tamiresbandeira_ (Tiktok, 2024).¹⁰

¹⁰ Disponível em: <<https://vm.tiktok.com/ZMAnMA8e8/>>. Acesso em: 8 out. 2025.

O caso em tela possibilita algumas reflexões, principalmente faz refletir nas dimensões do milagre e o caráter sensorial presente nas maiorias devoções aos santos e, sobretudo, chama atenção a participação das materialidades envolvidas neste processo.

Anteriormente, tais eventos (milagres, aparições e manifestações divinas) eram compartilhados no ambiente físico, como vimos no caso da aparição mariana em Baturité, que aglomerou peregrinos que lotaram o espaço para testemunhar o momento. Para além do presencial, Teles (2019) também já apontava que a propagação dos milagres ganham espaço importante no meio televisivo, especialmente em programas ligados aos movimentos neopentecostais.

Na contemporaneidade, com o aumento exponencial do uso de redes sociais, atrelada ao uso massivo de aparelhos celulares conectados a internet, eventos como este ganham os espaços online, intensificando a repercussão de acontecimentos de natureza sobrenatural. Isto possibilita instaurar uma rede de mobilização e devoção também no meio digital e reitera a força do milagre, que passa a integrar uma dimensão virtual e material, servindo também como uma propagação da força do santo.

Ao analisar o movimento da renovação carismática, Meyer (2019, p. 106) expõem que o modo “como as coisas importam está sujeito a transformação” e que isso esbarra em uma “constante redefinição da relação entre pessoas, objetos e divino”. Diante disso, percebemos que esse elo de devoção vem incorporando cada vez novos agentes, que influenciam na forma como as coisas passam a fazer parte desse universo¹¹.

Saindo da esfera extraordinária que cerca o evento, o choro de Santa Luzia assume novas proporções, pois, para além da imagem da santa, que estaria chorando, existe a presença do celular, que grava e permite identificar o momento do milagre. Posteriormente, o mesmo aparelho, que possibilita essa percepção individual do milagre, permite, como visto, também a sua disseminação em um ambiente muito mais amplo: as redes sociais. Tal abordagem não implica uma desimportância da santa ou da imagem, mas sim de como novos objetos vão integrando esse espaço devocional e remodelando essas relações.

Não se trata de a imagem perder força, muito pelo contrário. Isso porque, na manhã do dia 12 de dezembro, quando cheguei à igreja, diferente da calma característica que imperava no templo, o acontecimento instaurava um estado de efervescência devocional. Ao redor da santa, pessoas se ajoelhavam, bradando a existência de um milagre; outras, em pé, tentavam repetir o feito da noite anterior, apontando o celular com a lanterna ligada para

¹¹ Como exemplos, podemos observar o crescente uso da inteligência artificial pelas paróquias.

os olhos no rosto da santa. Nesse cenário, um fluxo de fiéis, curiosos, funcionários da paróquia e coisas interagiam aos pés de Santa Luzia.

Eunice, esposa do sacristão e ministra da eucaristia, uma das minhas principais interlocutoras em campo, convidou-me para ver o milagre e pediu que eu pegasse meu celular e fizesse como ela: apontasse para os olhos da peça devocional e capturasse a imagem. Diante da repercussão do acontecimento, a imagem passou a receber cada vez mais visitantes. Comerciantes da cidade permitiam que seus funcionários se revezassem para ir até a santa e testemunhar o milagre. Pelas ruas, as pessoas questionavam a veracidade do fato; inclusive, cheguei a receber ligações fazendo o mesmo questionamento. Em contrapartida, veículos da imprensa local noticiavam o acontecimento. Nas redes sociais, fiéis teciam declarações, alguns afirmando a veracidade do fato, outros suplicando à “Santa Luzia que chora” a cura das mazelas da visão, sejam pessoais ou familiares. Enquanto isso, outros condenavam o ato, alegando a impossibilidade de que o gesso pudesse soltar fluidos e apelando para que os fiéis recorressem à consciência, atribuindo a visão à obra de Satanás. Esse fato me saltou a visão e é por esse caminho que será baseada a discussão a seguir.

Imagem 5 - Fiéis aos pés da Santa após o repercussão do choro



Fonte: Arquivo do autor.

Não existe choro: “Satanás faz descer o fogo do céu a vista dos homens”¹²

Discutimos que as representações iconográficas dos santos católicos espalhadas pelas cidades, igrejas, templos e santuários, configuram uma forma de interação característica entre os fiéis. Como aponte, ao longo do campo, percebi que os devotos na igreja, ao final de cada missa, procuravam a santa com o intuito de estabelecer uma interação, que se dava de múltiplas formas: toque, foto, oração, um olhar, etc.

Nessa configuração, cada imagem de Santa Luzia espalhada pelo templo, orienta uma interação devocional entre o fiel e a santa. Vale observar que a disposição da imagem vai moldando as formas como os fiéis se relacionam com a santa. Com isso, as imagens que circulam pelo festejo, que são tocadas, louvadas e reverenciadas, em nenhum momento haviam sido acusadas de possuírem algo que se afastasse da graça divina, pelo contrário, cada uma era procurada e exaltada.

Entretanto, os espaços de socialização online que promovem a comunhão da fé acabam também se tornando verdadeiros palcos para especulações por parte de grupos mais ortodoxos, protestantes e/ou mesmo incrédulos. Assim, nas redes sociais, o fato ganhou notoriedade entre aqueles que afirmavam tratar-se de “obras satânicas”, enquanto outros argumentavam sobre a impossibilidade de que uma imagem de gesso pudesse expelir fluidos.

Tal acusação pode ser entendida, dentro da ótica proposta por Birgit Meyer, quando esta analisa, em Gana, as imagens de Jesus produzidas em massa.

As religiões, proponho, autorizam tradições particulares de olhar, sobre as quais o relacionamento sensorial entre pessoas e imagens é fundamentado, e através das quais as imagens podem (ou são deliberadamente impedidas de) assumir uma presença sedutora e sensorial particular e mediar o que permanece invisível aos olhos. Desta forma, os espíritos e o espiritual são levados a se materializar em uma imagem e, portanto, tornam-se acessíveis. **Autorizada a conduzir a um domínio além**, até mesmo uma imagem produzida em massa é considerada mais do que ela mesma mostra, **uma vez que aponta para algo transcendental** (Meyer, 2019, p. 125, *grifo nosso*)

Esse cenário nos leva a considerar que as imagens, quando inseridas em um “contexto de configurações sociais específicas, mobilizam concepções particulares sobre a natureza das coisas” (Meyer, 2019b, p. 125).

Diante do pensamento empreendido, percebemos que as religiões direcionam as formas de interação que cada imagem religiosa passa a assumir no interior do culto. Estas nada mais seriam do que representações estáticas de elementos que remetem à santidade ou a

¹² O trecho foi retirado de um comentário feito por um usuário em uma postagem publicada pelo perfil Baturité News, na rede social Instagram.

uma figura divina, mas ainda assim feitas pela mão do homem, não tendo uma emanção transcendental: Atestar poderes a essas imagens, seria se enganar, adorar “ídolos” e “Fetiches”, ou ainda, uma crença que remete a um estado interno. (Meyer, 2019b, Latour, 2021).

Imagens de santos, quadros, altares, fitinhas e uma série de outras coisas que participam ativamente da devoção (sobretudo dos santos) e são responsáveis por causarem euforia e certa adoração, podem ser enquadradas segundo uma lógica que, em sua adoração, entende um fetichismo (Latour, 2021). Nestas narrativas acusatórias, os fetiches são entendidos como objetos construídos pelos humanos e, portanto, como coisas fictícias, artificiais, fabricações que revelam o “feito” humano. A acusação que recai sobre o fetichista, segundo o autor, é a de que esses indivíduos/crentes estariam enganados quanto à origem da força, pois a coisa fabricada seria fruto de suas próprias mãos e imaginação. Essa crença para ser superada teria que “retificar a imagem e restituir a iniciativa da ação ao seu verdadeiro mestre” (Latour, 2021, p. 14).

Nessa lógica, como se pode explicar que a imagem de uma santa, rica em detalhes, em que cada pincelada de sua pintura evidencia a mão e o cuidado humano em sua produção, seja capaz de chorar? Como conceber que uma santa esteja chorando, ordenamento que leva muitas imagens a serem destruídas, isoladas ou acusadas de representarem “macumba” ou “feitiçaria”? Em Latour, o repertório moderno ou bem trata a santa com coisa construída, ou lhe reputa poderes transcendentais, transitando entre a noção de fato e a noção de feito.

Ainda que os milagres sejam reconhecidos dentro da tradição católica, percebe-se que, quando esses se manifestam por meio de uma imagem, como no exemplo do choro de Santa Luzia, podem suscitar sentimentos como comoção, amor, exaltação, desconfiança e medo. Talvez devido esse último a primeira ação do clero após o acontecimento tenha sido isolar a imagem e proibir a aproximação de mais fiéis. Logo após, o artista responsável pela restauração da imagem informou que o choro de Santa Luzia, que circulava pela igreja, noticiado nas redes sociais e que se estendeu para além das fronteiras do município de Baturité, mobilizando redes de devoção, nada mais era do que um efeito da técnica altamente realista utilizada na pintura.

O ato de isolar a imagem de Santa Luzia e proibir o acesso mostra uma disputa de precedência do clero em torno dos acontecimentos ligados ao divino. Segundo Bourdieu (2015, p. 45-46), “toda prática ou crença dominada está fadada a aparecer como profanadora na medida em que, por sua própria existência” esta venha a constituir “uma contestação objetiva do monopólio da gestão do sagrado e, portanto, da legitimidade dos detentores desse

monopólio”. Nesse sentido, a religião, em sua qualidade de sistema simbólico estruturado, atua como “princípio de estruturação que constrói a experiência” e delimita “o campo do que merece ser discutido, em oposição ao que está fora de discussão”.

Por consequência, episódios como o choro de Santa Luzia, que pairam sobre o sobrenatural, geram movimentações e sentimentos complexos em torno da devoção aos santos, articulando um contingente expressivo de relatos. Para além da devoção, que comumente configura um dos principais registros sobre o estudo dos santos, segundo Sáez (2009), também aparecem – ainda com mais frequência – como figuras de relato. Dessa maneira, o estudo dos santos, conforme propõe o autor, exige um outro modo de entender os mitos, contribuindo significativamente para o estudo destes.

Permitam-me explicar brevemente essa discussão, visto que ao caminhar pela fenomenologia que envolve os mitos, discutida por Sáez (2009), seremos levados a compreender como esse lugar dos relatos apontam para uma hierarquia entre os sujeitos, mais especificamente fiéis e clero.

Sáez (2009) expõe que, geralmente, a premissa proposta pelos teólogos é que o mito é um local de interpretação universal. Assim, as histórias que envolvem os santos católicos aparecem como versões menores de um relato universal, cuja versão principal, no cristianismo, é a história de Cristo. Os santos, bem como suas histórias, são intermediários para se chegar ou se comunicar com Cristo.

Como explica Sáez, para Lévi-Strauss “os mitos podem ser locais, mas tecem uma rede potencialmente universal, na medida em que são capazes de dialogar uns com os outros sem solução de continuidade e sem a ajuda de intérpretes” (Sáez, 2009, p. 208). O antropólogo espanhol argumenta que um relato pode surgir de outros e se transforma conforme o contato ou o contraste entre eles. A verdade, nessa configuração, está dentro do conjunto de relações, não sendo exterior a estas.

A interpretação desses relatos míticos torna-se um evento local, independente do prestígio, que liga a conexão entre o mito e as bases históricas concretas, mas não encerra a rede de equivalências e contrastes que estes tecem.

Acompanhando ainda o pensamento de Sáez:

ao privilegiar as relações horizontais – os mitos se relacionam essencialmente entre si –, sobre as verticais (o mito se relaciona com uma doxa) é possível instaurar a simetria na análises de mitos (uns são variantes de outros), em lugar de uma hierarquia (cada mito remete a uma narração original, mais pura ou relevante) (Sáez, 2009, p. 208).

Desta forma, como argumenta o autor, e como tenho tentado elencar nos últimos parágrafos, os mitos vêm perdendo força à medida que o clero, valendo-se de seu poder escriturário, tem relegado os relatos à sujeição de uma narrativa e interpretação oficial. Esse processo impede uma atualização – e, por que não, uma relação – entre santos, fiéis, coisas, animais e outras figuras divinas que habitam o cotidiano religioso, ainda que não reconhecidas pela igreja¹³. Assim, compreende-se que nessa configuração, o universo dos santos põe em questão a morte dos mitos pelas mãos da doutrina.

Então, pensando em tudo até aqui discutido, bem como no terror e alvoroço que o choro de Santa Luzia causou, creio que para além de um desfecho em que interpretações legítimas se sobrepuseram a uma questão devocional, ou ainda, em que um discurso de verdade esbarra no que seria um delírio, é preciso chamar atenção para o modo como as coisas (aqui entendidas como as materialidades analisadas) parecem estar sempre em desvantagem perante as vontades dos sujeitos, principalmente quando estão inseridas em uma realidade que busca fixar as formas pelas quais essas coisas devem agir. Nessa esteira, imprimir sensações sobre aqueles e aquelas que se engajam em experiências com elas, caracteriza manifestações para além do que se espera desses meros objetos (Meyer, 2019b; Latour, 2021).

Portanto, o caso aqui não seria de trabalhar com veredictos, mas, ainda assim, atestar que o evento, envolvendo fiéis, celulares, imagens de santa e veículos de imprensa, teve uma capacidade de desdobramento na qual o estado conhecido da festa foi perturbado. E como disse uma fiel com quem conversei, já no último dia de festa: “O milagre é individual, meu filho. Ninguém sabe o que esta mulher estava passando. Mas uma coisa é certa: a Santa é forte”.

Percebe-se, diante dessa ligeira interlocução, o quanto o milagre e a força da santa, bem como sua representação, são elementares no processo de devoção e, de igual modo, mostra como esses acontecimentos organizam a efervescência na devoção quando levamos em consideração a circulação dos relatos, que não podem ser tomados como uma “excrescência anedótica própria da imaginação popular. Não há uma imaginação se desviando da doutrina, mas uma doutrina se encaminhando no meio da selva da imaginação.” (Sáez, 2009, p. 210).

Conclusão

¹³ Como os chamados santos populares, ainda que as discussões, como o texto de Saez utilizado em nosso trabalho, tem questionada aplicabilidade da noção de “popular”.

Ao longo das páginas que seguiram, tentei demonstrar como dados acontecimentos característicos da vida religiosa nos possibilitam adentrar esferas de análise que saltam as lentes do esperado. Através do choro de Santa Luzia, caso conhecido do catolicismo, encarado sob a ótica do milagres e da interação, pudemos discutir como as coisas passam a integrar esse universo devocional, alterando a ordem habitual.

Conforme advertido no início do texto, não havia pretensão de discutir se o choro foi “real”, mas sim compreender como essas materialidades agem e participam ativamente da vida religiosa. As coisas, como pudemos ver, não são passivas, elas imputam sentimentos, afetos e sensações, mesmo quando inseridas em uma organização social que, por vezes, tenta limitar o seu papel nessa realidade.

Abordar as imagens, dentro das perspectivas apontadas, implica entender que estas se situam para além de meros intermediários ou suportes pelos quais as coisas acontecem. As imagens de santos, tomando de empréstimo a discussão de Latour (2021)¹⁴ e guiando pelo choro de Santa Luzia, podem ser interpretadas como coisas que fazem ver. As imagens podem fazer-ver.

As festas em celebração aos Santos padroeiros ou de devoção, em especial aquelas que ocorrem em regiões localizadas no interior (Pires, 2003; Pinto, 2009) – distantes dos grandes centros urbanos –, configuram espaços privilegiados para observar essa constatação. Imagens de Santos, toalhas, flores, andores, terços, bandeiras e animais são alguns dos inúmeros agentes que circulam durante esse período e possibilitam que a festa aconteça. No caso da festa de Santa Luzia, realizada em Baturité, encontramos uma forma singular de conexão: a entrega de olhos vivos. Esse ato devocional consiste na oferta de animais vivos à protetora da visão, em decorrência de uma graça alcançada ou em espera.

Essa associação, bem como o evento analisado ao longo deste trabalho, aponta que as materialidades organizam a experiência religiosa, constituindo parte indissociável desse universo. Assim, cada interação com a Santa, bem como os engajamentos que ela instaura, deve ser tomada como um evento que se deve respeitar. Isso implica romper com a ideia de “crença” individual, de uma “religiosidade interior espiritualizada”, que tende a esvaziar a potência dos acontecimentos religiosos (Meyer, 2019a, p. 84). Entendo que as coisas atuam diretamente naquele espaço – ver uma imagem chorando, com o auxílio de um celular, suscita muito mais do que a ideia de uma crença cega, pois, como nos lembra Meyer (2019, p. 92),

¹⁴ Latour (2021, p. 12), a partir da discussão sobre as divindades dos povos da costa ocidental da África, entendidas como fetiches pelos portugueses, analisa os oráculos desses povos, compreendidos como coisas que fazem falar, seguindo essa lógica, o fetiche é um fazer-falar.

em uma citação bastante replicada nos estudos sobre materialidades religiosas: “Materializar o estudo da religião significa perguntar como a religião acontece materialmente, o que não deve ser confundido com a pergunta bem menos útil de como a religião é expressa na forma material.”

Tal proposição nos levou a refletir como as materialidades, por vezes desconsideradas, participam ativamente da religião, sendo peças centrais para a organização da experiência individual e coletiva, o que nos distancia da noção de um mero simbolismo. Quando olhamos para o choro de Santa Luzia na cidade de Baturité, Ceará, isso implica dizer que estamos diante de uma complexa rede de coisas, humanos e não humanos, que atuam concretamente naquela experiência. Sob essa perspectiva, materializar a religião é estar atento a esse universo, levando-o a sério e percebendo como, a todo momento, novas materialidades vão sendo ativadas nesse processo devocional.

Referências

- Almeida, Rafael Antunes. **“Objetos Intangíveis”**: Ufologia, ciência e segredo. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Brasília, Departamento de Antropologia, Brasília, 2015.
- Bourdieu, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- Gasques, Jerônimo. **Santa Luzia**: o brilho de uma luz: a protetora dos olhos. São Paulo: Paulus, 2018.
- Geary, Patrick. Mercadorias Sagradas: a circulação de relíquias medievais. In. Appadurai, Arjun (org.). **A vida social das coisas**: As mercadorias sob uma perspectiva cultural. 2. ed. Niterói: Eduff, 2021, p. 197-222.
- Giumbelli, Emerson Alessandro. Monumentos religiosos como um novo tipo de objeto: genealogia e atualidade de uma forma de presença católica no espaço público. **GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/gis/article/view/165595>. Acesso em: 7 out. 2025.
- Latour, Bruno. **Reagregando o social**: Uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA; Bauru, SP: EDUSC, 2012.
- Latour, Bruno. **Sobre o culto moderno dos deuses**: Seguindo de “Iconoclash”. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2021.
- Lima, Rachel dos Santos Sousa. **É Como se fosse Santa Rita**: processo de simbolização e transformação rituais na devoção à santa dos Impossíveis. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2014.
- Lima, Raquel Santos Souza. Sobre a presença e representação nas Imagens de Santos Católicos: considerações a partir de um estudo sobre a devoção à Santa Rita. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 139-163, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872015v35n1cap07>. Acesso em: 7 out. 2025.
- Medeiros, Isabella Tritone. Eu vi Nossa Senhora refletida no espelho: A representação do devoto nas aparições de Nossa Senhora através dos objetos. **Ciberteologia**, São Paulo, n. 78, p. 59-70, 2025. Disponível em: https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao_20250106102842.pdf Acesso em: 7 out. 2025.
- Menezes, Renata de Castro. **A dinâmica do sagrado**: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- Meyer, Birgit; Houtman, Dick. Religião material: como as coisas importam. In: Giumbelli, Emerson; Rickli, João; Toniol, Rodrigo (orgs.). **Como as coisas importam**: uma abordagem material da religião, textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019a, p. 81 - 113.

Meyer, Birgit. “Há um espírito naquela imagem”: Imagens de Jesus produzidas em massa e outras formas de animação protestante-pentecostal em Gana . *In*: Giumbelli, Emerson; Rickli, João; Toniol, Rodrigo (orgs.). **Como as coisas importam**: uma abordagem material da religião, textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019b, p. 115-145.

Peirano, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, n. 42, p. 377-391, 2014.

Pinto, Débora Kátia Maia; **Caminhos do Sagrado**: um estudo sobre os vendedores itinerantes em centros de romaria no Estado do Ceará. 2009. TESE (Doutorado em Sociologia) Departamento de Ciências sociais e Filosofia – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

Pires, Flávia Ferreira. **Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho**: Etnografia da Festa da Catingueira / PB. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2003.

Sáez, Oscar Calavia. O que os santos podem fazer pela antropologia? **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 198-219, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/rmXN6Px4wVXD6zXSkvtFxZk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 de out. 2025.

Silva, Maria Iully Melo. **Entre devotos e ufólogos**: memórias e narrativas entrelaçadas sobre as aparições marianas de Baturité. 2021. Projeto (Graduação em Bacharelado em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Acarape, 2021.

Teles, Alexandre Moura. **A sociedade em busca de um milagre**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia., 2019.